



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 11, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

## **EIXO 11 - PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO. ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSOCIAIS. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA.**

Editores responsáveis: Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.11.05>

Recebido em: 01/08/2020

Aprovado em: 01/08/2020

A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA E DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES DE CONVÍVIO NO AMBIENTE ESCOLAR; THE IMPORTANCE OF PSYCHOPEDAGOGY AND AFFECTIVENESS IN CONVIVAL RELATIONSHIPS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT; LA IMPORTANCIA DE LA PSICOPEDAGOGÍA Y LA AFECTIVIDAD EN LAS RELACIONES CONVIVALES EN EL ENTORNO ESCOLAR

EDNIZIO DOMINGOS DA SILVA  
<https://orcid.org/0000-0003-2684-7667>

KAROLINE SANTANA SANTOS  
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-6865-8915](https://ORCID.ORG/0000-0001-6865-8915)

MICHEL VICTOR DOS SANTOS SILVA  
<https://orcid.org/0000-0001-7771-7745>

## RESUMO

O presente estudo traz a discussão sobre um dos grandes desafios a serem enfrentados pela educação na contemporaneidade, que é a existência da falta de entendimento sobre as atribuições educativas da família, da escola e da sociedade. O objetivo é abordar a importância da psicopedagogia e da afetividade por meio da relação aluno, escola, família e psicopedagogo, no processo de intervenção e construção das relações socioafetivas. A pesquisa foi de caráter essencialmente bibliográfico, realizada com base em livros e artigos científicos disponibilizados na internet. Considera-se a importância da escola, da família e da sociedade trabalharem juntas para que cada uma delas entenda a sua função na formação do indivíduo, evitando, assim, a sobrecarga de um desses setores em detrimento de outros, e assim teremos cidadãos éticos, íntegros e são mentalmente.

**Palavras-chave:** Afetividade. Escola. Família. Psicopedagogo. Sociedade.

## ABSTRACT

The present study discusses one of the great challenges to be faced by education in contemporary times, which is the existence of a lack of understanding about the educational attributions of the family, the school and Society. The objective is to address the importance of psychopedagogy and affectivity through the relationship between student, school, family and psychopedagogue, in the process of intervention and construction of socio-affective relationships. The research was essentially bibliographic, based on books and scientific articles made available on the internet. It is considered the importance of school, family and society to work together so that each one understands its role in the formation of the individual, thus avoiding the overload of one of these sectors to the detriment of others, and thus we will have ethical citizens, healthy and mentally healthy.

**Keywords:** Affectivity. School. Family. Psychopedagogue. Society.

## RESUMEN

El presente estudio analiza uno de los grandes desafíos que enfrenta la educación en los tiempos contemporáneos, que es la falta de comprensión sobre las atribuciones educativas de la familia, la escuela y la sociedad. El objetivo es abordar la importancia de la psicopedagogía y la afectividad a través de la relación entre el alumno, la escuela, la familia y el psicopedagogo, en el proceso de intervención y construcción de las relaciones socioafectivas. La investigación fue esencialmente bibliográfica, basada en libros y artículos científicos disponibles en Internet. Se considera la importancia de que la escuela, la familia y la sociedad trabajen juntas para que cada uno comprenda su papel en la formación del individuo, evitando así la sobrecarga de uno de estos sectores en detrimento de otros, y así tendremos ciudadanos éticos, saludable y mentalmente saludable.

**Palabras clave:** Afectividad. Escuelas. Familia. Psicopedagogo. Sociedad.

## 1. INTRODUÇÃO

A importância da psicopedagogia e da afetividade no ambiente escolar é um tema relevante por ser um fenômeno relativamente recente. A herança deixada pelo positivismo nessa área trouxe dificuldades para a inclusão dessa temática geralmente classificada como não-científica ou não-relevante, sendo, muitas vezes, usada para justificar as dificuldades em lidar com todos aqueles que atravessaram as barreiras das regras escolares.

A escola, vista por muitos como o lugar exclusivo e privilegiado para a formação da cognição, tem encontrado desafios inimagináveis com o surgimento dos afetos no ato educativo. São várias as queixas levantadas: “As crianças não aprendem porque não tem apoio afetivo em casa”, “Os pais estão se separando e as notas de fulano de tal mostram isso”, “Eles não conseguem prestar atenção na aula”, “São adolescentes tomados pelos hormônios da ‘aborrecência’”, e por aí segue-se. É preciso abrir espaço para a relação cognição e afetividade, por ser um fator imprescindível no processo de ensino-aprendizagem.

Este artigo originou-se da necessidade de entender sobre um dos grandes desafios a serem enfrentados pela educação na contemporaneidade, que é a existência da falta de entendimento sobre as atribuições educativas da família, da escola e da sociedade. De que forma a família, a escola e a sociedade contribuem para essas relações harmoniosas? Que relação existe entre o processo ensino-aprendizagem e afetividade? Nesse processo, a escola precisa acompanhar as transformações que ocorrem na vida da criança, pois a família desempenha um papel essencial na aprendizagem, e o psicopedagogo contribui para o estímulo por meio de atividades criativas e organizadas.

Desta forma, pais, psicopedagogos, escola e sociedade devem contribuir para a construção do conhecimento juntamente com os professores, minimizando as dificuldades que irão surgir no contexto escolar.

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo geral abordar a importância da psicopedagogia e da afetividade por meio da relação aluno, escola, família e psicopedagogo, no processo de intervenção e construção das relações socioafetivas como recurso motivacional necessário para a construção do conhecimento, facilitando a aprendizagem, as relações afetivas e sociais no espaço escolar. Para alcançar o objetivo geral, foram traçados quatro objetivos específicos:

- a. discutir a construção das relações afetivas e socioculturais do aluno com ajuda do profissional da psicopedagogia;
- b. conhecer o papel do psicopedagogo como sujeito que contribui com o desenvolvimento da criança;
- c. compreender que o espaço escolar é um ambiente de socialização para trocas afetivas e cognitivas importantes para a formação do indivíduo;
- d. descobrir de que forma a família contribui para a formação dessas relações harmoniosas.

É notório a relevância da temática, optou-se por pesquisar sobre a importância da psicopedagogia e da afetividade, visto ser um tema atual e que o espaço escolar representa um ambiente de socialização para trocas afetivas e cognitivas importantes para a formação da criança. Irá contribuir para que pais, psicopedagogos, escola e sociedade, quando trabalharem em parcerias, possam promover efeitos muito positivos para a minimização das dificuldades que emergem no contexto escolar.

A pesquisa foi de caráter essencialmente bibliográfico, realizada com base em livros e artigos científicos disponibilizados na internet. Foram selecionados alguns artigos e livros relacionados à temática. Depois, foram analisados os assuntos abordados em cada artigo e foi feita uma síntese.

De acordo com Gil (2010, p.29-31) “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado”.

## 2. RELAÇÕES AFETIVAS E SOCIOCULTURAIS: ALUNO, ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE

Um dos grandes desafios a serem enfrentados pela educação na contemporaneidade é a existência da falta de entendimento sobre as atribuições educativas da família, da escola e da sociedade, sendo que todas essas instituições estão envolvidas no processo educativo da criança. Nesse processo interacionista de educação formal e informal, é preciso lidar com o conhecimento e as relações de convívio pessoal.

De acordo com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos:

Nas sociedades contemporâneas, a escola é local de estruturação de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e de consolidação de valores, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, de constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas. O processo formativo pressupõe o reconhecimento da pluralidade e da alteridade, condições básicas da liberdade para o exercício da crítica, da criatividade, do debate de ideias e para o reconhecimento, respeito, promoção e valorização da diversidade. Para que esse processo ocorra e a escola possa contribuir para a educação em direitos humanos, é importante garantir dignidade, igualdade de oportunidades, exercício da participação e da autonomia aos membros da comunidade escolar. (BRASIL, 2007, p. 31)

Desta forma, a escola deve ser o espaço para a propagação do conhecimento, possibilitando à criança a compreensão da pluralidade da sociedade bem como do respeito e igualdade a todos que nela convivem.

A aprendizagem é um processo contínuo que é construída com a relação família, escola e sociedade, iniciando-se com o nascimento até a maturação do sujeito.

A Psicopedagogia deve atuar de forma efetiva sobre os fatores do processo de aprendizagem, pode estar presente no processo de si e do mundo pelas crianças, mesmo que perceba antes como indivíduo. É necessário conhecer o estado atual de cada criança e suas possibilidades futuras. O psicopedagogo trabalha com todos os aspectos do desenvolvimento da criança o afetivo, cognitivo e sócio cultural (sic), deve olhar sempre a partir da singularidade da criança. Cada criança é de um contexto único e intransferível e o psicopedagogo deve fazer parte dele, participando, construindo e agindo em seu processo de desenvolvimento contribuindo em todos os campos de conhecimento onde a aprendizagem mediada é o foco fundamental. (SOUSA, 2012, p. 53-58)

Quanto à família e à educação, percebe-se, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069/90, em seu artigo 4, que:

**Art. 4º** É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (ECA, 1990, p. 16)

E segundo o art. 205 da Constituição Federal:

**Art. 205** A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 34)

Em consonância aos documentos supracitados, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96), em seus artigos 2º e 12º, estabelece que é responsabilidade tanto da família como da escola o desenvolvimento educacional da criança.

Percebe-se, a partir dos documentos levantados, o dever da família no processo educacional da criança. Segundo Tiba (2012), “Os pais para que possam conhecer realmente seus filhos, é importante que estejam bem informados de seu comportamento na escola”.

Família e escola constroem no indivíduo os universos da sua autoestima, confiança, emoções, sentimentos e atributos que personificam suas estruturas pessoais e seus vínculos afetivos. Escola e família não podem estar dissociadas uma da outra, pois são ligadas pelos veios afetivos do educando. (CUNHA, 2010, p. 96)

Já para Ellen G. White (2008), não há como dissociar escola e família em razão da mãe desempenhar o papel de professora:

A primeira professora da criança é a mãe. Nas mãos desta acha-se em grande parte sua educação, durante o período de seu maior e mais rápido desenvolvimento. A mãe oferece-se em primeiro lugar a oportunidade de moldar o caráter para o bem ou para o mal. Ela deve compreender o valor desta sua oportunidade, e acima de qualquer outro professor cumpre que esteja habilitada a dela fazer uso de modo a obter os melhores resultados. Não obstante, não há outrem para cujo preparo tão pouca atenção se dê. Aquela, cuja influência na educação é poderosíssima e de tão vasto alcance é quem recebe o menor esforço sistemático em seu auxílio. (WHITE, 2008, p. 275)

Segundo Ellen G. White, a família é o fundamento básico e universal da sociedade. Os pais são os primeiros e influentes mestres. Todo o ambiente familiar contribui para formar os valores, desenvolver as atitudes e a cosmovisão das crianças e jovens edificando o trabalho do lar. Aprender é inerente à criança, e a família é a principal responsável pela educação de seus filhos.

No entanto, reconhece-se que, nos últimos anos, escola, família e sociedade devem caminhar juntas, cada uma entendendo a sua função na formação da criança, evitando assim a sobrecarga de um desses setores sobre os outros. “A responsabilidade de educar não é apenas da escola, é de toda a sociedade, a começar pela família” (CHALITA, 2001, p. 120).

Para que ocorra o desenvolvimento cognitivo, emocional e de valores, é preciso que os pais participem da vida escolar dos seus filhos, porque, assim, a criança se sentirá valorizada, melhorando sua autoestima e autoconfiança, e, a ter êxito em seu processo de aprendizagem. O relacionamento interpessoal deve ser contínuo na escola, ou seja, precisa haver integração entre professores e alunos, escola e comunidade.

## 2.1 O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

As escolas estão cada dia mais preocupadas diante do baixo desempenho acadêmico dos alunos que têm dificuldade de aprendizagem. Não sabem mais o que fazer com as crianças que não estão aprendendo de acordo com o processo considerado normal e não possuem uma política de intervenção que seja capaz de contribuir para solucionar os respectivos problemas de aprendizagem.

É nesse contexto que surge a figura do psicopedagogo institucional, profissional apto a trabalhar na área da educação, dando assistência aos professores e a outros profissionais da escola para melhoria das condições do processo ensino-aprendizagem, como prevenção dos possíveis problemas de aprendizagem.

Segundo Barni e Rodrigues (2010):

Por meio de técnicas e métodos próprios, o psicopedagogo possibilita uma intervenção psicopedagógica visando a solução de problemas de aprendizagem em espaços institucionais e, juntamente com toda a equipe escolar, cria espaço adequado as condições de aprendizagem de forma a evitar observações equivocadas e assim, diagnósticos errados. (BARNI; RODRIGUES, 2010, p. 3)

Sendo a psicopedagogia uma área que estuda e lida com os processos de aprendizagem e com os problemas decorrentes deles, acredita-se que se existisse nas escolas psicopedagogos trabalhando com essas dificuldades, seria bem menor o número de crianças com problemas cognitivos, afetivos e relacionais.

Cabe ao psicopedagogo avaliar o aluno e identificar as dificuldades de aprendizagem que ele tem, buscando conhecê-las em seu potencial construtivo e em suas dificuldades, encaminhando-o, quando necessário, por meio de um relatório, a outros profissionais como psicólogo, fonoaudiólogo, neurologista etc. Profissionais

estes que realizam diagnóstico especializado e exames complementares para favorecer a saúde do aluno a fim de que ele possa estudar tranquilamente.

Segundo Fernández (2010 apud SOUSA, 2012 p. 56), a Psicopedagogia vai surgir “condensando conhecimentos retirados de várias áreas, principalmente, da Pedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia, Psicanálise, a Sociologia e da Neurologia”.

Auxiliando os professores, o psicopedagogo realiza atendimentos pedagógicos individualizados, contribuindo para a compreensão de muitos problemas na sala de aula, permitindo ao professor ver procedimentos alternativos e como as demais técnicas podem intervir no processo.

Para o psicopedagogo, a experiência de intervenção junto ao professor funciona como uma parceria, pois possibilita resultados mais eficazes. Esse profissional participa de reuniões de pais, esclarecendo o desenvolvimento dos filhos, além de avaliar o processo metodológico na escola, acompanhar as relações interpessoais entre professor e aluno, aluno e aluno, inclusive o que vem de outra escola com outros tipos de comportamentos. O psicopedagogo, portanto, vai buscar estratégias para que a escola, aluno e professor possam ter um bom convívio.

A psicopedagogia é um campo do conhecimento que faz interlocuções com

as áreas da educação e da saúde possuindo como objeto de estudo a aprendizagem humana, padrões evolutivos, família, escola e da sociedade no desenvolvimento. Realizando seu trabalho por meio de estratégias e processos compreendendo sempre a individualidade do aluno na melhoria da sua aprendizagem. É importante que o psicopedagogo trabalhe terapêuticamente as questões de aprendizagem. Para que o psicopedagogo tenha sucesso é preciso considerar os aspectos físicos, emocionais, psicológicos e sociais do indivíduo podem dar a intervenção na escola por isso é chamado de psicopedagogia institucional, sendo interventiva no fracasso escolar. (VERCELLI, 2012, p. 73)

Participando de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto de políticas educacionais, o psicopedagogo faz com que professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola e as necessidades individuais de aprendizagem do aluno. O estudo psicopedagógico atinge seus objetivos quando a escola abre espaço para que viabilizem recursos a fim de atender as necessidades de aprendizagem. Para isso, o Projeto Político Pedagógico deve ser pensado, analisado e escrito, ressaltando quais são suas propostas de ensino e o que é valorizado como aprendizagem. Assim, o fazer pedagógico se transforma, tornando uma ferramenta primordial no auxílio do aprendizado.

## **2.2 ESPAÇO ESCOLAR: AMBIENTE DE SOCIALIZAÇÃO PARA TROCAS AFETIVAS E COGNITIVAS**

Passando por todas as fases do desenvolvimento, sentir, dar e receber afeto acompanha o ser humano desde o seu nascimento até sua morte. Na educação, não poderia ser diferente. A afetividade permite que o processo ensino-aprendizagem ocorra com mais intensidade, favorecendo os processos de formação cognitiva, intelectual e social, na convivência de todos que fazem parte da instituição escolar.

A complexidade das relações entre todos os integrantes da instituição educacional ocorre quando a escola tende a resgatar junto ao aluno alguns valores de sua formação. É nesse momento que se descobre - que lares desestruturados não costumam ser bons ambientes para o aluno, e esse conflito age diretamente na construção afetiva dele: “Normalmente quando chegam à escola demonstram carência afetiva e alguns problemas emocionais”, aponta Cunha (2010, p. 96). Acreditamos que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também pode estabelecer uma relação afetiva com seus alunos, o que facilitará o processo de aprendizagem.

Para haver aprendizagem deve haver troca, e para haver troca, essa troca deve ser permeada de afeto. Precisamos não só ensinar o currículo, mas ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isso só se dá através do afeto e da afetividade. Para isso, precisamos da família e do lúdico, pois é através do lúdico, que podemos ensinar com afeto. (DE PAULA; FARIA, 2010, p. 1)

É importante o professor ter afeto pelos seus alunos, pois a afetividade e o desenvolvimento cognitivo estão ligados diretamente. O professor pode ajudar a desenvolver a afetividade e produzir conhecimento através de elogios, ouvir o aluno, dar importância às suas ideias, assim, reconhecer o clima afetivo e aproveitá-lo na rotina diária da sala de aula provocará interesse no aluno.

A pedagogia do afeto foi criada para definir as relações interpessoais de afetividade em sala de aula. Sendo assim, ela consiste na introdução de fundamentações teóricas, técnicas e vivências que

possibilitam a troca e o toque afetivo no processo de ensino-aprendizagem.

Destaca-se, nesse aspecto, a concepção walloniana por trazer a afetividade como um domínio funcional tão importante quanto o da inteligência, pois afetividade e inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica. Embora tenham funções definidas e diferenciadas entre si, elas são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo a criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

Henri Wallon (1879-1962), foi um famoso educador francês que se dedicou por vários anos aos estudos do papel das emoções e da afetividade na aprendizagem. Para ele, esses aspectos são centrais na formação da pessoa. Por isso, à semelhança de estudiosos como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), Wallon valorizou a afetividade no desenvolvimento humano.

A teoria walloniana contribui para o entendimento das relações entre educando e educador, além de situar a escola como um meio fundamental no desenvolvimento desses sujeitos. Segundo Wallon (2005 apud BRUNO, 2012, p. 23), “O meio molda a personalidade humana, pois o modo como o ser humano reage a determinadas situações de afeto depende do mundo que o cerca”.

Para que se realize a relação afetiva, o professor precisa dialogar com seus alunos, demonstrando que eles também têm algo a oferecer, e que a aprendizagem se faz por intermédio das interações que são estabelecidas. Assim, fica claro que, além da escola e da família, o professor também apresenta, nesse contexto, papel fundamental no desenvolvimento social da criança.

Segundo Barbosa (2009):

O sujeito é caracterizado como inteiro, constituído de diferentes dimensões biológica, afetiva, relacional, funcional, e cultural que interagem entre si, capaz de formar um conhecimento sobre seu ambiente natural e sociocultural, bem como um conhecimento sobre si. (BARBOSA, 2009, p. 27)

O sujeito aprende melhor e mais depressa quando se sente amado, está seguro de si e é tratado com afeto.

As interações entre alunos e professores são necessárias para a produção de conhecimentos por parte dos alunos. Cabe ao professor não somente permitir que elas ocorram, como também promovê-las no cotidiano das salas de aula.

Chalita (2001) destaca a importância da afetividade no tratamento dos alunos, pois, segundo ele, só há educação onde há afeto, onde experiências são trocadas, enriquecidas e vividas.

Segundo La Taille (1992, p. 79), para Jean Piaget, “o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo”. De acordo com Piaget (1995), elas são inseparáveis, pois defende que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade.

Segundo Oliveira (1992), Vygotsky explica que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção.

Wallon, Vygotsky e Piaget afirmam que não se pode separar afetividade e cognição. Podemos afirmar que a afetividade é vital em todos os seres humanos, de todas as idades, ela está presente nas experiências vividas pelas pessoas, no relacionamento com o “outro social”, por toda a vida, desde o nascimento<sup>1</sup>.

## 2.3 A FAMÍLIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DAS RELAÇÕES HARMONIOSAS

A relação do sujeito com sua família reflete na escola. A família desempenha um papel principal no processo de aprendizagem dos alunos.

Os pais têm um papel importante no processo de desenvolvimento da autonomia. Se eles encorajarem as iniciativas da criança, elogiarem o sucesso derem tarefas que não excedam as capacidades da criança forem coerentes em suas exigências e aceitarem os fracassos estarão contribuindo para o aparecimento do sentimento de auto confiança e auto estima. (SABINI, 1998, p. 65)

Percebe-se a grande importância dos pais no desenvolvimento cognitivo e evolutivo da criança, a sua não participação no processo ensino-aprendizagem podem ocasionar baixo desempenho e até mesmo repetência.

Muitas vezes, os pais não compreendem as dificuldades e limitações de seus filhos e os tacham como incompetentes e burros. Manifestando assim, sérios problemas ao desenvolvimento desse indivíduo. Muitas vezes a falta de diálogo na escola está vinculada à falta de diálogo em casa, se em casa os pais não dialogam com seus filhos, a tendência é que na escola esses alunos sejam fechados.

Para que problemas como esses sejam solucionados, a família deve participar de várias maneiras na educação e desenvolvimento escolar de seus filhos, ela pode: ajudar nos deveres de casa e trabalhos escolares; ficar atento se o filho fez as tarefas pedidas pelo professor; organizar um horário de estudo; manter-se informada a respeito das matérias e provas; visitar a escola sempre que puder; observar se eles estão felizes no âmbito escolar; se estão sendo bem tratados no recreio e na hora de entrada e saída; conversar com os professores pra saber como seus filhos estão indo nos estudos; pedir orientação; conversar também com diretor(a); e principalmente ler os bilhetes e avisos que a escola mandar e responder quando necessário, e por fim, comparecer às reuniões da escola para dar suas opiniões e sugestões.

Como vimos até aqui, a relação afetiva é crucial para o bom desenvolvimento do aluno, e a atuação psicopedagógica se propõe a incluir os pais no processo de desenvolvimento dos seus filhos por intermédio de encontros e reuniões, possibilitando, dessa forma, o acompanhamento do trabalho realizado junto aos professores.

Vale destacar que a participação da família é algo ligado ao processo ensino-aprendizagem e para isso os pais precisam acompanhar o andamento dos estudos e o comportamento dos alunos.

O ambiente familiar é o ponto primário da relação direta com seus membros, onde o sujeito cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, cria a primeira imagem de si mesmo e constrói seus primeiros modelos de comportamentos que vão se organizando no seu interior, configurando seu mundo interior.

Segundo White (2014, p. 19), “A educação começa com o bebê, nos braços da mãe. Enquanto a mãe está moldando e formando o caráter dos filhos, ela os está educando”.

Iniciam-se, nessa relação familiar, os vínculos afetivos, momento em que a criança, por meio de movimentos desordenados, consegue mobilizar seu entorno para responder satisfatoriamente as suas necessidades, dando o início ao processo de aprendizagem. Depois, a criança adquire novas manifestações afetivas na relação com o outro avançando no âmbito cognitivo: “o processo de

socialização começa na família e continua no bairro, na escola e em outras instituições situações sociais” (CASASSUS, 2009, p. 197).

Quando a criança chegar à escola, esses laços serão ampliados, criando-se, dessa maneira, novas relações interpessoais que possibilitarão ou não que o processo ensino-aprendizagem seja prazeroso ou repugnante. Sobre essa questão, concorda Conte (2009, p. 27) ao explicar que “no momento que as famílias entregam seus filhos à escola, eles trazem uma mochila, não apenas de cadernos e livros, mas também de toda a sua estrutura familiar, emoções, vida social e até mesmo cultural”.

O lar pode ser um ambiente acolhedor, positivo, estimulante e principal fonte de afeto. Podemos afirmar que a família é uma parte muito importante no processo de construção e desenvolvimento da criança. É com ela que a criança tem maior contato durante os primeiros anos de vida. Siegel e Bryson (2018) afirmam que a formação das crianças depende de informações que elas recebem diariamente do ambiente que as cercam, desenvolvendo-se por meio do espelhamento e da observação dos comportamentos dos responsáveis.

É importante a construção de uma relação segura entre a criança e seus cuidadores, pois caso os laços afetivos não sejam estabelecidos, prejudicará o desenvolvimento físico, social e emocional dessa criança.

A família transmite valores e costumes que formarão a personalidade da criança, desta forma, influencia significativamente em sua perspectiva de mundo.

Podemos, em posse das informações levantadas, concluir que a família é agente fundamental no desenvolvimento biopsicossocial da criança. Ela está presente durante toda a infância, sendo muito importante no processo de construção da criança, pois tem forte influência na formação dos valores sociais, morais e na personalidade.

### 3CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos a importância da psicopedagogia e da afetividade no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Vimos que a afetividade é um fator imprescindível nesse processo, pois age de forma positiva na vida educacional. Sendo assim, requer uma relação direta entre escola, professor, aluno, psicopedagogo, família e sociedade. Quando esses setores trabalharem juntos, proporcionarão um ambiente adequado à realização das atividades pedagógicas e educativas como um todo, promovendo efeitos muito positivos para a minimização das dificuldades que emergem no contexto escolar. No entanto, sabe-se que é um constante desafio, pois requer o envolvimento de toda a equipe e um desejo permanente de mudanças, para que as transformações possam ocorrer.

A afetividade permite que o processo ensino-aprendizagem ocorra com mais intensidade, o que relaciona ao favorecimento e a maiores facilidades nos processos de formação cognitiva e intelectual e na convivência de todos os integrantes da instituição escolar.

Escola, família e sociedade devem caminhar juntas, cada uma entendendo a sua função na formação da criança, assim ela se sentirá valorizada, melhorando sua autoestima e autoconfiança, produzindo conhecimento.

A família, inclusive, é uma parte muito importante no processo de construção e desenvolvimento da criança, daí que os pais precisam acompanhar o andamento dos estudos e o comportamento dos alunos.

Quando ocorrer uma aproximação da instituição educativa com a família, o trabalho psicopedagógico irá diminuir o número de crianças com problemas cognitivos, afetivos e relacionais, de modo que o

espaço escolar se tornará um ambiente de socialização para trocas afetivas e cognitivas. Ora, ter afeto com os alunos é muito importante, pois afetividade e desenvolvimento cognitivo estão ligados diretamente.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, L.M.S. **A psicopedagogia e o momento de aprender**. São José dos Campos: Pulso, 2009.

BARNI, E. M.; RODRIGUES, K. G. **Intervenção psicopedagógica institucional no ensino fundamental**. Apresentação de Trabalho/2º Congresso Internacional de Educação, Ponta Grossa - Paraná, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República, Brasília, 1988.

BRASIL. **Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos**. PNE: 2007. Presidência da República. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003 e 2007.

BRASIL. Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Artigo 4º da Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRUNO NETO, Giusepe. **Uma visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Monografia de Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas. São Paulo, 2012.

CASASSUS, J. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO: Liber Livro Editora, 2009.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CONTE, Sueli. **Bastidores de uma escola: Entenda por que a interação escola e família e imprescindível no processo educacional**. São Paulo: Gente, 2009.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, Antônio Eugenio. **Afeto e Aprendizagem: relação da amorosidade e saber na pratica pedagógica**. 2 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

DE PAULA, S. R.; FARIA, M. A. Afetividade na aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. FAC, São Roque, v.1, n.1, p. [9], 2010.

FERNANDEZ, A. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos**. 10 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Ed. Atlas S.A., 2010.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. 14º ed. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, J. et al. **Abstração reflexionante: relações lógico-elementares e ordem das relações espaciais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SIEGEL, D. J.; BRYSON, T. P. **O cérebro da criança**. Tradução: Cássia Zanon. São Paulo: nVersos, 2018.

SOUSA, E. F; VASCONCELOS, T. C. O papel do psicopedagogo no contexto atual. **Revista Brasileira de Educação e saúde**, Paraíba, v. 2, n. 1, pag. 53-58, jan./dez. 2012.

TIBA, Icami. **Quem ama educa**: formando cidadãos éticos. São Paulo: Integrare, 2012.

VERCELLI, L. C. A. O trabalho do psicopedagogo institucional. **Revista Espaço Acadêmico**, [Paraná], v. 12, n. 139, p. 71-76, dez. 2012.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, E. G. **Orientação da Criança**. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

<sup>1</sup>O recém-nascido utiliza a emoção para comunicar-se com o mundo.

\* Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos Relações de Saberes e Subjetividades: Alfabetização, linguagens e Trabalho (RESSALT). E-mail: ednizio@hotmail.com

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado pela PROED. Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos Relações de Saberes e Subjetividades: Alfabetização, linguagens e Trabalho (RESSALT). E-mail: ksantanaestrela@gmail.com

\*\*\* Licenciado em Letras – Português e Espanhol, pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos Relações de Saberes e Subjetividades: Alfabetização, linguagens e Trabalho (RESSALT). E-mail: michellinguistica@outlook.com